

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Histórias Oxfordianas: relato de um então jovem docente da Faculdade de Medicina da UFC sobre sua pós-graduação no exterior

Oxfordian stories: a report from a former young lecturer at the School of Medicine of UFC about his postgraduate studies abroad

Marcus Raimundo Vale¹.

¹ Departamento de Fisiologia e Farmacologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil.

RESUMO

Este é um relato da minha experiência, entre os anos de 1979 e 1983, em busca de qualificação acadêmica em um renomado ambiente científico, no exterior, que visava uma vivência para internacionalização desta Faculdade de Medicina. Este texto foi inspirado por conversas com colegas professores da Faculdade de Medicina e da Seara da Ciência. Tem foco na minha experiência no Departamento de Farmacologia da Universidade de Oxford, onde foi desenvolvido o meu trabalho de Doutorado, como bolsista do Conselho Britânico (The British Council), no laboratório do Dr. Derek Hope. São relatadas as circunstâncias especiais que me levaram a continuar num estágio de Pós-Doutoramento, no mesmo laboratório, nessa etapa com suporte do CNPq. A narrativa se inicia com a minha experiência em Chester, cidade para onde o Conselho Britânico me enviou para uma imersão total na língua inglesa e nos costumes britânicos. Continua com a escolha do tema de minha tese, seu desenvolvimento, as angústias e as vitórias, a vida na universidade, o sistema de colleges, passando pelo relacionamento com professores e colegas britânicos e brasileiros. Especial ênfase é dada ao meu relacionamento com o Professor Hugh Blaschko, eminente farmacologista e bioquímico, a quem devo momentos de grande prazer quando me contava sua experiência como cientista na Alemanha nazista, sua amizade com Hans Krebs e outros grandes cientistas judeus alemães e sua ida para a Inglaterra, para trabalhar na Universidade de Oxford.

Palavras-chave: Educação Médica. Medicina. Bioquímica.

ABSTRACT

This account describes my experience between the years 1979 and 1983, pursuing academic qualification in a renowned scientific environment abroad, aiming at the internationalization of this Medical School. This text was inspired by conversations with colleagues from the Medical School and the Seara da Ciência. It focuses on my experience at the Department of Pharmacology at the University of Oxford, where my doctoral work was developed as a scholar of The British Council, in Dr. Derek Hope's laboratory. The special circumstances that led me to continue as a postdoctoral research position in the same laboratory, now with support from CNPq, are reported. The narrative begins with my experience in Chester, the city where the British Council sent me for total immersion in the English language and British customs. It continues with the choice of my thesis topic, its development, the anxieties and victories, life at the university, the college system, and relationships with British and Brazilian lecturers and colleagues. Special emphasis is given to my relationship with Professor Hugh Blaschko, a distinguished pharmacologist and biochemist, to whom I owe moments of great pleasure when he shared his experience as a scientist in Nazi Germany, his friendship with Hans Krebs and other great German Jewish scientists, and his move to England to work at the University of Oxford.

Keywords: Medical Education. Medicine. Biochemistry.

Autor correspondente: Marcus Raimundo Vale, Rua Coronel Nunes de Melo, 1127, Rodolfo Teófilo, Fortaleza, Ceará. CEP: 60430-275. E-mail: valemarcus@yahoo.com

Conflito de interesses: Não há qualquer conflito de interesses por parte de qualquer um dos autores.

Recebido em: 05 Jan 2024; Revisado em: 30 Jan 2024; Aceito em: 15 Fev 2024.

Introdução

Este texto foi inspirado por vários fatos. O mais recente deles data de 19 de abril de 2023, a partir de uma conversa que tive durante um almoço nas imediações da Faculdade de Medicina com o colega de UFC e amigo Pedro Magalhães. De passagem, mencionei algo sobre minha experiência na Universidade de Oxford, na Inglaterra, onde conheci Hugh Blaschko, farmacologista e bioquímico de meu maior apreço e cuja reputação científica, detalharei mais adiante. Ao chegar em casa, corri à internet para me atualizar sobre ele. Li que nasceu na Alemanha no ano de 1900 e faleceu aos 93 anos em Oxford, Inglaterra, no dia 18 de abril de 1993, ou seja, aquele almoço ocorrera um dia após os 30 anos da sua morte. Saudoso, decidi registrar abaixo algumas passagens relacionadas à minha vida por lá e ao meu convívio com ele e com outros.

Sabedor de minha admiração pelo Blaschko, meu amigo e colega Armênio Santos, também havia, tempos atrás, me enviado, gentilmente, um texto com uma biografia do Blaschko, publicada pela Royal Society. A inspiração foi ainda reforçada pelo Ilde Guedes, Coordenador da Seara da Ciência, ao me emprestar um livro com o qual ele achava que eu me identificaria, uma espécie de autobiografia de Richard Dawkins, intitulada “Sede de Saber – A formação de um cientista”. Dawkins é um biólogo inglês, autor do famoso livro “O Gene Egoísta”, formado por Oxford, que decidiu contar nesse novo livro sua vida de estudante e pesquisador na universidade. Ele é bem conhecido por suas atividades de divulgador de ciência, mas muito famoso também por ser ateu, publicar livros a respeito do assunto e enfrentar discussões, até na televisão, com quem se incomoda com suas ideias.

No início de 1979, minha ida para Oxford foi estimulada pelo Conselho Britânico (*The British Council*) que incentivava brasileiros realizar pós-graduação na Inglaterra. Na verdade, me foi informado que eles visavam mais a área de produtos naturais. Embora tentado a aceitar esse desafio, eu não estava disposto a atuar nessa área de estudo pois tinha feito Mestrado em Bioquímica e lecionava como docente na disciplina de Bioquímica Médica na Faculdade de Medicina. A despeito disso e considerando o expresso desejo em me qualificar em Oxford, o Conselho Britânico acabou por aceitar minha aplicação, mas condicionado a que eu achasse um laboratório para tal. O Prof. Manassés Fonteles ofereceu o contato de Claudio Cuello, um amigo seu argentino, que trabalhava no Departamento de Farmacologia de Oxford. Assim o fiz e Cuello sugeriu o nome de Derek Hope que tinha uma linha de pesquisa coerente com minha formação em Bioquímica. Entrei em contato por carta com Dr. Hope dizendo dos meus anseios e meu perfil científico. Muito tempo se passou e não obtive qualquer retorno dele. Um dia, o Prof. Flávio Torres, meu amigo, físico e Doutor por Oxford, me falou que viajaria para Oxford em poucos dias. Pedi-lhe para que falasse com Derek Hope, perguntando-lhe sobre sua decisão a meu respeito. Foi assim que recebi a resposta positiva a meu pleito. Comuniquei minha aceitação ao Conselho Britânico e iniciei os trâmites para minha ida. Duas exigências deles era que eu

deveria me submeter a um estágio de três meses hospedado em casa de família britânica e frequentar uma escola de Inglês para estrangeiros. Aceitei as condições.

Chester

Lembro que viajei no final de julho de 1979. No dia da minha viagem, começava a Reunião Anual da SBPC em Fortaleza a qual ajudei a equipe local a organizar. Tive que ir para Recife para pegar o avião da British Caledonian para Londres.

Cheguei em Londres num final de tarde, recepcionado por uma senhora do Conselho Britânico. Foi aí que tive contato com mais alguns brasileiros que também estavam chegando na mesma situação. Fomos levados para o hotel com a recomendação de estarmos todos prontos na manhã seguinte, às nove horas, para irmos à sede do Conselho e conhecermos nossos coordenadores, aqueles que tomariam conta de nós durante o tempo que estivéssemos na Inglaterra.

Após aquele longo voo, fui para meu quarto para descansar. Adormeci. Quando acordei, estava claro lá fora e vi que meu relógio de pulso marcava quase 9:30h. Fiquei desesperado. Ia falhar logo no meu primeiro compromisso na Inglaterra. Vesti-me e corri para o hall do hotel onde encontrei os meus companheiros brasileiros conversando e já tomando um chopinho. Ainda nervoso fui perguntando sobre a nossa ida ao Conselho Britânico. Foi quando eles começaram a rir e esclareceram que ainda não era o outro dia. Simplesmente, no auge do verão na Inglaterra, o Sol só se esconde por volta das 22 horas. Que alívio!

Fui designado para Chester, uma linda e antiga cidade, bem preservada, e fundada pelo império Romano. Fica situada a poucos minutos de Liverpool, a terra dos Beatles. No início, foi uma espécie de cidadela militar. Sua posição era estratégica pois ficava na fronteira com o País de Gales, inimigo de Roma. Até hoje, Chester é a única cidade inglesa que ainda mantém as velhas muralhas romanas completas. Fiz questão de caminhar sobre elas e fazer todo o percurso, o que significa alguns quilômetros. Oxford também preserva um pequeno trecho de muralha romana que fica dentro do espaço do *New College*.

Atendendo às exigências do Conselho Britânico, fiquei hospedado na casa da Mrs. Sybil, viúva de um piloto da Segunda Guerra. Sybil morava com uma filha enfermeira e disponibilizava quartos para hóspedes. Era uma alegre e simpática senhora que ficou muito minha amiga. Ela gerenciava esse Bed&Breakfast, nome que designa as pousadas por lá. Fiquei num quarto com um marroquino que se chamava Mohammed, como quase todos os árabes são chamados, mas havia outros árabes na B&B da Sybil com os quais fiz amizade. Um deles era líbio e o outro kuwaitiano. Foi um contato muito interessante pois aprendi muita coisa dos problemas do Oriente Médio. Nas noites, quando não saía com meus amigos árabes, ficava conversando com Sybil. Ela sorvia seu uísque e eu, uma cervejinha. Obviamente, os árabes não nos acompanhavam na degustação etílica. Assim,

pratiquei bem meu Inglês. Ela costumava dizer que ir ao pub para conversar era o meio mais rápido de aprender a língua e acrescentava que no dia em que eu sonhasse em Inglês, teria absorvido a alma da língua.

Diariamente, íamos para uma escola de Inglês chamada “*English in Chester*” que era frequentada por muitas nacionalidades, em sua maioria ligadas ao Conselho Britânico. Fui enviado para lá para fazer o que eles chamam de imersão total na língua inglesa e nos costumes do país. Foi uma experiência muito boa, tanto que após me estabelecer em Oxford, ainda sem minha família, eu pegava o trem e voltava a Chester em alguns fins de semana para rever amigos e amenizar a solidão de Oxford.

Além das aulas, na verdade sessões de muita conversação, a escola fazia passeios de fim-de-semana com seus pupilos, pela região. Levava os alunos a pequenas viagens, especialmente no País de Gales onde visitávamos castelos medievais, festas típicas e outros locais, todos muito belos e curiosos. Até um passeio de barco entre os navios do famoso porto de Liverpool nos foi proporcionado.

Oxford

Enquanto ainda vivia em Chester, visitei meu futuro orientador para conhecê-lo e iniciar os procedimentos burocráticos de admissão a um *College*. Como ele era um “Don”, ou seja, uma autoridade no *New College*, ele me sugeriu tentar minha aceitação por lá. Assim fiz e fui aceito. Recentemente, li na revista do *New College* que Derek Hope agora é “*Emeritus Fellow*”.

Aqui cabe uma explicação sobre a estrutura da Universidade e seus *Colleges*. Os *Colleges* são instituições independentes entre si onde os estudantes podem morar de forma muito digna, isto é, em quartos individuais, fazer suas refeições, ter seu lazer, mas também é onde realizam suas atividades tutoriais, a base do ensino da universidade. Embora possam ter aulas tradicionais e práticas nos diversos departamentos da universidade eles tem de dar conta de seus progressos nos encontros com seus tutores nos seus respectivos *Colleges* os quais possuem um corpo de tutores nas diversas áreas da ciência. Derek Hope, por exemplo, era o tutor de Bioquímica no *New College*. Mas é na universidade onde ficam os laboratórios de pesquisa. O que descrevo acima se aplica mais aos estudantes de graduação. Na pós-graduação não temos tutor, só orientador de tese ou “*supervisor*”, mas todos, tanto os alunos quanto os professores, têm de ser aceitos por um *College* para serem admitidos na universidade. O que eu acho mais importante nesse sistema, além do excelente esquema tutorial, é o fato de que, enquanto no *College* convivemos com colegas de várias áreas da ciência, no departamento você convive com colegas de vários *Colleges*. E, como existem rivalidades entre os *Colleges*, criou-se uma cultura específica de cada um que é bem defendida por cada membro. Dessa forma, os ingleses costumam dizer que não se sabe se os *Colleges* pertencem à universidade ou se a universidade pertence aos *Colleges*. E completam dizendo que no dia que souberem, perde a graça. É parecido com a disputa entre o

meu *New College* e o *Magdalen College* para saber quem é o mais antigo. No dia que souberem, perde a graça.

Usei acima uma expressão de pertencimento, “meu” *College*, porque até hoje, mesmo passados mais de quarenta e três anos, recebo, com regularidade semestral (já foi trimestral), revistas do meu *College*, assim como da universidade, dando conta das mudanças, das novidades e até o obituário dos professores e ex-alunos. Também recebo até hoje, convites para eventos importantes, incluindo oferta de acomodação para tal. Essas revistas e convites do *New College* sempre vêm com um formulário de doação de recursos para o *College*. E eles recebem muitas contribuições voluntárias de ex-alunos mais abonados. É um costume comum na Europa e EUA em que os ex-alunos reconhecem a importância de terem se formado naquela universidade e querem ajudar como agradecimento, apesar de terem pago por seus estudos.

Existem *Colleges* de todos os matizes. Uns só aceitam homens e outros só mulheres, outros são mistos, outros só pós-graduandos ou só graduandos e assim por diante. O *New College* aceita todas essas categorias.

O ano letivo de Oxford é dividido em três fases, os *Terms*. O primeiro é o *Michaelmas Term* que inicia no começo de outubro, e vai até dezembro. Depois vem o *Hilary Term* que vai de janeiro a março, e o *Trinity Term* que vai de abril a junho. Assim, cheguei de forma definitiva em Oxford em outubro. Tomei o trem em Chester com toda minha bagagem, consciente de que naquele momento iniciava algo muito importante para o resto da minha vida.

Na estação, peguei um táxi e cheguei à grande portaria do *New College*, na *Holywell Street*, uma imponente construção medieval, de arquitetura pesada e escura. Como todos os porteiros dos *Colleges* oxfordianos, os do *New College* usavam terno preto e um chapéu coco, tipo Chaplin. Cordialmente, um me cumprimentou com um sonoro “*good morning, Sir*”. Pelas bagagens, ele já sabia que eu era novato, ou melhor, um “*freshman*”. Perguntou meu nome e, com essa simples informação, pegou uma chave no quadro, entregou-me e disse: “*you are very welcome, Sir*” e complementou apontando para a rua dizendo para eu sair para a esquerda, caminhar uns cinquenta metros para encontrar o prédio onde ficava o meu quarto. Como brasileiro, fiquei querendo me identificar com meu passaporte, mas ele nem olhou. Depois aprendi que na Inglaterra, pelo menos naquele tempo, se você disser que é você, está acreditado, até porque não existia carteira de identidade para os nativos. Os estrangeiros possuíam um cartão de identificação bem simples. Nunca fui solicitado a exibi-lo. Não precisa provar nada. Mesmo no banco, no tempo dos cheques de papel, ao chegar no caixa e apresentar o cheque, eles não examinavam se existia aquela quantia na sua conta. Simplesmente, te entregavam o dinheiro, sem exigir nem o cartão de identidade ou Passaporte.

Peguei a chave, ainda sem acreditar naquela simplicidade e confiança e me dirigi ao prédio indicado. A chave entrou! O quarto existe e abre com a mesma chave da porta de entrada! Uma cama, uma pia, um pequeno armário para roupa, banheiro

coletivo para cada andar, sem chuveiro. Só uma banheira, que depois observei, sem muito uso. Ainda pouco confiante para abrir a bagagem e espalhar meus pertences, decidi ir ao departamento para saber se era aquilo mesmo. Encontrei meu “*supervisor*” e contei essa história. Ele não entendeu minhas dúvidas. Por que eu estaria em dúvidas se o porteiro tinha me entregado a chave? Não tentei explicar esse sentimento brasileiro de sempre se sentir acusado e ter de provar que é inocente. Ele não entenderia.

Voltei ao, agora meu, prédio e decretei que estava iniciando minha vida oxfordiana. Logo comprei uma bicicleta, o meio de transporte que todos usam. Assim explorava a cidade, sempre que possível e com muito cuidado com as mãos de trânsito ao contrário das do Brasil.

Nos dias de semana, mantinha-me bem ocupado no laboratório, adaptando-me ao ambiente do departamento, estudando os “*papers*” publicados pelo laboratório do Hope, fazendo pesquisa bibliográfica na maravilhosa biblioteca da Universidade (*Bodleian Library*) para iniciar meu projeto já discutido com o Hope.

Uma semana após minha chegada definitiva a Oxford, recebi uma notificação do *College* alertando-me sobre a Cerimônia de Matrícula. Não entendi bem o que aquilo significava, mas indaguei com os colegas de laboratório e obedeci a todas as instruções. Eu deveria me vestir com terno preto, camisa branca, gravata borboleta branca, sapatos e meias pretas, usar a “*gown*” (uma beca preta e comprida) e usar o “*mortar board*”, ou seja, aquele tradicional quepe preto que usam nas formaturas em todo mundo. Adquiri todo o material já sabendo que aquilo me acompanharia até o final da minha vida em Oxford. Confesso que fiquei meio constrangido ao me vestir daquela forma ainda no meu quarto. Melhorou muito quando olhei pela janela e avistei a minha rua tomada de jovens vestidos da mesma forma. Tomei coragem e rumei ao meu *College*. Lá chegando, esperei, solitário, o início dos comandos do cerimonial. A coisa foi iniciada com a chamada pelos sobrenomes. Mister Smith, Mister McDonald, Mister “Vêio”... e eu olhando para cima, quando caiu a ficha. Vêio sou eu, Vale! Levantei a mão e disse “*here*”!! Deu certo. Era eu mesmo.

Dali o grande grupo do *New College* rumou para o *Sheldonian Theater*, um vetusto, grandioso e belo edifício meio circular que domina o início da *Broad Street* e onde acontecem as importantes cerimônias de Oxford, embora também sirva como sala de concertos. Foi construído em 1664. Muito novo, comparado ao meu *College* que data de 1379. Organizadamente, todos os “*freshmen*”, de todos os *Colleges* adentraram naquele ambiente arredondado onde circulavam as autoridades, todos de “*gowns*” coloridas, de acordo com sua área de formação acadêmica. Com pouquíssimas instruções anunciadas formalmente em inglês, foi iniciada a cerimônia. Quero esclarecer que não entendi nada depois disso. A cerimônia era toda em latim. Nunca entendi a razão desse cerimonial, posto que não assinei nada e não recebi nenhum documento. Assumi que se tratava apenas de um evento para marcar o início das atividades acadêmicas e manter as tradições, muito prezadas pelos britânicos e, especialmente,

pelos oxfordianos. E eu lá, sem conhecer ninguém naquele mundo especial...

Voltei ao meu quarto e tentei registrar aquilo, mas não havia ninguém para fazer uma fotografia minha, nem possibilidade de “*selfie*”. A minha câmera era daquelas profissionais, grandes e analógicas e eu não tinha tripé e nem existia temporizador. O registro fotográfico não foi realizado.

No ano seguinte, foi a cerimônia da Verbena, minha mulher, que me acompanhou posteriormente para também trilhar na pós-graduação. Ela teve direito a registro fotográfico e companhia familiar: além de mim, Mariana e Alexandre, nossos filhos e Natalina, uma moça goiana que levamos como tutora dos meninos. Mariana tinha completado quatro anos e Alexandre dois anos.

Outra cerimônia, esta diária, que me impactou foi quando decidi jantar pela primeira vez no refeitório do *New College*. O uso da *gown* é obrigatório, mas não é preciso do terno nem da gravata borboleta branca. O refeitório em si já me deixou impressionado pela grandiosidade e o seu aspecto medieval. Era um espaço muito amplo com mesas muito longas e escuras. As altíssimas paredes são ornadas com grandes pinturas de antigos professores em posições formais e vestidos com suas coloridas “*gowns*”. No fim daquela sala havia uma espécie de palco com uma grande mesa para refeições, a “*High Table*”. Lá sentam os “*dons*”, ou seja, as autoridades do *College*.

Antes do jantar os estudantes costumam tomar um “*pint of beer*” e conversar no “*pub*” do *College*, ao lado do refeitório. A um determinado sinal, todos adentram no refeitório e se sentam nos longos bancos em suas longas mesas. Ouve-se um forte ruído produzido por um longo e enfeitado cajado, batido no chão de madeira por um engalanado serviçal que adentra pela lateral do refeitório. Ele é seguido por uma fila de engalanados e coloridos “*dons*”. Todos se levantam e permanecem em pé até aquela procissão subir para o palco da “*High Table*”. Ainda de pé, o dirigente do *College* (“*The Warden*”) faz uma pequena oração em latim, todos respondem amém e sentam-se para a entrada dos garçons para nos servir as batatas de todos os dias. Realmente, a bela e formal cerimônia ganhava de longe da qualidade das refeições. Quando o meu colega Professor Hélio Rola nos visitou, levei-o para jantar no *New College*, como meu convidado especial. Acho que gostou.

Em algumas ocasiões, eu passeava por dentro do *College* para apreciar seus amplos gramados, sua arquitetura medieval, os grandes portões de ferro com detalhes dourados, a movimentação dos estudantes e professores, alguns vestindo a “*gown*”, indicando que estavam indo ou vindo de alguma audiência mais formal ou mesmo, indo fazer alguma prova. Sim, para fazer prova, os estudantes têm de usar a “*gown*”. É um cenário muito interessante nos dias de prova. As ruas de Oxford se enchem de ciclistas de “*gown*” que se misturam aos grupos de turistas encantados com a cena.

Como disse, Verbena e as crianças só chegaram no ano seguinte, 1980, no início de janeiro. Nessa época, eu já tinha

me mudado da Holywell Street para a Bradmore Road, para um apartamento do *New College*, exclusivo para pós-graduandos com família, fora dos muros do *College*.

Segundo fui informado, os estudantes de graduação eram obrigados a morar dentro do *College*, no mínimo, por um ano e, no máximo, por dois anos. Depois disso, eles se mudavam para outro local. Havia um costume que considero interessante. Por tradição ou por regra mesmo, não sei bem, os graduandos vêm de outras cidades e, para evitar a endogenia, se decidirem por uma pós-graduação, teriam que escolher outra universidade.

O trabalho no laboratório do Hope

O laboratório já vinha estudando os mecanismos de liberação da vasopressina ou hormônio antidiurético pela neurohipófise de rato. Cada doutorando analisava um aspecto. O Richard, que se tornaria meu grande parceiro e amigo, estava explorando a novidade daquele momento que era calmodulina, um ligante de cálcio e estimuladora de algumas enzimas envolvidas no processo. Logo que apareci no laboratório, ainda morando em Chester, Hope me perguntou se eu tinha algum tipo de projeto que se encaixasse no tema do laboratório. Eu informei que minha dissertação de Mestrado tinha sido estudar as fosfodiesterases de nucleotídeos cíclicos num fungo, a *Blastocladiella emmersonii*^{1,2} e tinha pensado em estudar o papel dessas moléculas nos mecanismos da liberação da vasopressina. Ele disse que não tinha nenhuma experiência nessa área, mas achou a minha ideia boa, autorizando o estudo. Fiquei feliz com sua aprovação e pelo fato de me tornar uma “autoridade” no laboratório nesse assunto.

Durante minhas leituras sobre a vasopressina, me deparei com um “*paper*” daquele ano de 1979, de um dinamarquês e ex-aluno do Hope que examinou os níveis de AMP cíclico durante a liberação da vasopressina. Dizia ele que os níveis dessa molécula permaneciam inalterados e, portanto, o AMP cíclico não participava daquele processo. Foi como uma pedra caindo na minha cabeça. Fiquei muito deprimido e preocupado. Conversei com o Hope e ele me disse uma coisa que me foi importante para superar essa questão. Ele falou para eu continuar naquela linha que eu tinha proposto porque sempre se acha algo novo para resolver. Passei mais uns três dias muito para baixo até ler novamente o trabalho do dinamarquês quando descobri que ele media os níveis de AMP cíclico após dez minutos da ativação da liberação do hormônio, seguindo o protocolo do laboratório do Hope que fazia a primeira medida nesse tempo. Sabendo que esses nucleotídeos eram disparadores de processos intracelulares, certamente surgiam ou aumentavam suas concentrações bem no início do evento. No período de dez minutos tudo já deveria ter acontecido, isto é, a ativação da liberação da vasopressina já teria acontecido. Portanto, as medidas tinham de começar em matéria de segundos após a ativação. Como disse o Hope após dar-lhe a boa notícia, “*you are in business, again*”. Respirei aliviado. Daí para frente, iniciei um trabalho duro, mas confiante posto que sabia das excelentes condições que teria no laboratório. A neurohipófise do rato é muito pequena (do tamanho da cabeça de um alfinete comum) e precisa de um certo treino para separa-la do hipotálamo na base do cérebro. Por causa de seu

tamanho, eu precisava de uns 40 ratos para cada ensaio. No final, minha hipótese se confirmou quando mostrei um grande pico de AMP cíclico aos 30 segundos e de GMP cíclico aos 60 segundos.³ Complementei meu trabalho estudando as diversas isoenzimas das fosfodiesterases presentes na neurohipófise bovina, que são as enzimas responsáveis pela manutenção dos níveis basais desses nucleotídeos.⁴ Estudei essas enzimas desde os aspectos cinéticos até a dependência de cálcio. Para a discriminação ou separação delas, usei as diferenças de seus pesos moleculares, técnica que aprendi durante a fase experimental do meu mestrado no Departamento de Bioquímica do Instituto de Química da USP sob a orientação do Prof. José Carlos da Costa Maia. Esclarecendo que o mestrado era da UFPE. Foi uma espécie de sanduiche embora esse termo ainda não existisse na época.

Mesmo antes de concluir o Doutorado, eu já tinha feito alguns contatos aqui no Brasil para tentar continuar em Oxford num pós-Doutorado tendo em vista que Verbena ainda teria mais um ano para concluir o dela. Além disso, no pós-doutorado eu teria a chance de complementar meu estudo dos nucleotídeos cíclicos na neurohipófise. No Doutorado eu tinha estudado os níveis daquelas moléculas no processo de liberação da vasopressina e o perfil do conjunto de fosfodiesterases, responsáveis pela degradação delas, como Km, peso molecular, especificidades, dependência do complexo cálcio/calmodulina e outras características cinéticas. Propus como tema de meu pós-doutorado estudar a síntese de AMP cíclico e GMP cíclico, isto é, a adenilato e a guanilato ciclases, as enzimas que convertiam ATP e GTP em seus respectivos nucleotídeos cíclicos. Isso complementaria o assunto, isto é, os níveis, as enzimas de síntese e degradação dos nucleotídeos cíclicos na neurohipófise, relacionando com o processo de liberação da vasopressina e observando a modulação pelo complexo cálcio/calmodulina. Hoje, após mais de 40 anos, certamente, sabemos muito mais sobre esses mecanismos, mas na época ainda era um assunto bem quente.

Como eu tinha ido para a Inglaterra com uma bolsa do Conselho Britânico, isso facilitou a concessão de uma bolsa de Pós-Doutorado pelo CNPq, complementado pelos meus argumentos acima. Nesse processo, contei com a ajuda do Prof. Manassés Fonteles.

Hugh Blaschko

Dos muitos momentos da minha vivência científica na Universidade de Oxford, os que nunca vou esquecer foram os passados no “*coffee break*” diário do Departamento de Farmacologia, onde desenvolvi meu Doutorado. Todos os dias, às 10 e às 16 horas, pesquisadores, estudantes e servidores paravam seus trabalhos e desciam para a sala do café, no subsolo do prédio. Eu era um assíduo frequentador desse ambiente por duas razões: primeiro, porque era uma excelente oportunidade de conhecer melhor os professores, os técnicos e os meus colegas de Doutorado; a outra razão, não menos importante, era o fato da presença de um frequentador diário dos “*coffee breaks*” matinais, o Professor Hugh Blaschko⁵ com quem eu tinha o privilégio de conversar nesses momentos. Na época, o Professor Blaschko já estava aposentado e nos seus

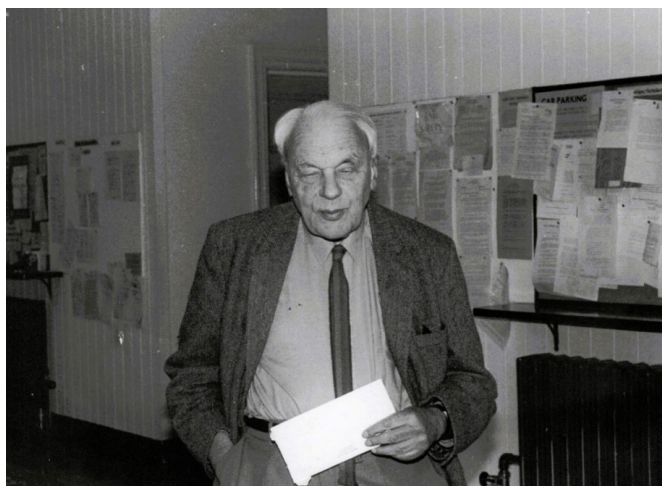
80-83 anos de idade. Ele morava na Park Town e vinha a pé até a South Parks Road onde ficava nosso Departamento de Farmacologia. Recentemente, soube que o departamento foi transferido para a Mansfield Road, do outro lado da South Parks Road. O prédio antigo onde trabalhei ficou com a Química.

Logo que me iniciei nas rotinas do departamento, confesso que, na minha ignorância, eu não sabia exatamente quem era Blaschko. Pelos cabelos brancos, sua aparência de idoso, seu sorriso simpático de paizão e a forma respeitosa como todos o cumprimentavam, tive a certeza de se tratar de pessoa muito fina e importante cientista. Mas a minha amiga e protetora Ruth Baker, técnica do nosso laboratório e o amigo e colega doutorando Richard Sheaves foram me informando gradativamente. Ruth tinha sido orientada por Blaschko em seu Doutorado e, em pouco tempo, compreendi a sua grandeza, dela e dele.

Como um farmacologista bioquímico, ele foi o primeiro a propor e depois demonstrar que a tirosina era o aminoácido que dava início à síntese das catecolaminas, isto é, dopamina, noradrenalina e adrenalina. Tornou-se nome importante por seu pioneirismo na elucidação dessas vias metabólicas, mas também por suas contribuições fundamentais no estudo de drogas que controlam a pressão arterial. Por isso, foi nomeado F.R.S. ou seja, *Fellow of the Royal Society*, em 1962, uma das mais importantes e tradicionais sociedades científicas do mundo.

Blaschko era alemão, nascido em Berlim, de família judia, financeiramente bem estabelecida. Viveu uma parte importante de sua vida sob o regime nazista de Hitler. Seu nome germânico original era Hermann Karl Felix Blaschko, mas Hugh foi o nome adotado por ele na Inglaterra. Mais interessante ainda é ele ter trabalhado, em Berlim, com Otto Meyerhof durante algum tempo no Instituto de Biologia Kaiser Wilhelm. O laboratório vizinho ao do Meyerhof era de outro Otto, o não menos famoso Otto Warburg, também judeu e inventor dos famosos frascos de Warburg. Na época, trabalhava com Warburg, nada mais nada menos do que o também judeu Hans Krebs.

Figura 1. Hugh Blaschko.



Segundo me contava Blaschko, Krebs e ele desfrutavam de uma longa amizade, desde 1919. Contava também que ele foi um dos que incentivaram Krebs a vir para a Inglaterra e escapar do regime hitlerista, como ele próprio tinha feito, sendo mais um dos acolhidos pelo grande Archibald Vivian Hill. Inclusive foi Blaschko quem recepcionou o colega Krebs, ainda não tão famoso, na londrina Victoria Station, chegando da Alemanha. Sobre essa fuga de cérebros da Alemanha nazista, existe um livro intitulado “O Presente de Hitler” de Jean Medawar e David Pyke,⁶ o qual aborda esse assunto mostrando que a Alemanha poderia ter ganho a guerra, mas muitos grandes cientistas, judeus ou não, abandonaram o país como foi o caso de um dos maiores, Albert Einstein, além dos grandes bioquímicos aqui mencionados.

Vindo do Brasil, ávido por aprofundar meu conhecimento da história da ciência, eu já sabia que a Bioquímica, antes chamada de Química Biológica, tinha sido forjada por cientistas alemães, em sua maioria judeus.

Eu sempre estava atento ao que Blaschko falava. Tinha me interessado pela história da Ciência porque me envolvi numa experiência muito rica antes de minha viagem. O amigo e colega Hélio Rola, na época coordenador da disciplina de Bioquímica Médica do nosso Departamento de Fisiologia e Farmacologia, criou um curso de Bioquímica para a Pós-Graduação (ainda na fase de Especialização em Fisiopharmacologia) cuja metodologia usava uma abordagem histórica dos avanços da bioquímica. Tínhamos em mãos um livro do Isaac Asimov (bioquímico, russo/americano e de família judaica) sob o título “Enciclopédia Biográfica da Ciência”,⁷ que reunia mais de mil minibiografias dos maiores cientistas do mundo em todos os tempos e de todas as áreas. Em cada uma delas, Asimov descreve, resumidamente, o trabalho que tornou famoso cada cientista biografado e sua relação com os trabalhos de outros cientistas. Assim, decidimos começar com Krebs, e pedimos a um dos alunos para ler o texto sobre o mesmo. Na medida em que era lido, íamos interrompendo quando o texto referenciava outro cientista e sua contribuição na área. No final da leitura, chamávamos a atenção sobre os outros nomes que tinham aparecido no texto. Procurávamos no livro do Asimov as biografias dos citados para nova leitura. E o processo era repetido. No final da sessão, tínhamos alguns nomes que entregávamos aos vários alunos para que preparassem um pequeno seminário sobre a obra de cada um deles. Na próxima sessão os seminários eram apresentados e novas leituras e novos nomes surgiam. No final do período do curso tínhamos coberto o conteúdo do programa da disciplina.

Quando comecei a conversar com o Blaschko e ele mencionava aqueles nomes nas suas histórias, imediatamente eu associava com os nomes que vieram à tona no nosso curso. Comecei a ter a agradável sensação de deslumbramento. Eles não eram só citações abstratas de livro, eles eram reais e Blaschko falava deles com grande familiaridade, contando suas histórias e curiosidades. Muitos tinham sido seus colegas e companheiros na Alemanha e na Inglaterra.

Certamente, Otto Fritz Meyerhof era muito citado posto que foi seu orientador e agraciado com o Prêmio Nobel de Medicina,

juntamente com o já citado A. V. Hill, em 1922, pelo trabalho sobre o metabolismo muscular, incluindo a glicólise ou *via Embden – Meyerhof – Parnas*. Como já mencionado acima, ele me contou que o laboratório do Meyerhof era vizinho ao de Otto Warburg que orientava nada menos do que seu amigo Hans Krebs que viria a ganhar o Nobel em 1953, pela descoberta do ciclo que leva seu nome, ou seja, o Ciclo de Krebs ou dos Ácidos Tricarboxílicos. É importante mencionar que Krebs também foi o descobridor do Ciclo da Ureia.

Warburg era de origem judaica, trabalhou com respiração celular e deu contribuições fundamentais para o conhecimento dos mecanismos da cadeia respiratória, tanto que foi agraciado com o Prêmio Nobel, em 1931. Ele acreditava e propalava que o segredo da cura do câncer estava na mitocôndria, a organela onde ocorria a respiração celular e sobre a qual ele era uma das maiores autoridades do mundo. Dos grandes cientistas judeus alemães, Warburg foi um dos poucos que não emigrou da Alemanha nazista e não foi perseguido pelo regime, apesar de ser judeu. O Hélio Rola especulava que ele era protegido do Hitler porque o ditador tinha medo de morrer de câncer e, completava, de câncer de garganta, o órgão por meio do qual ele mais pecava em seus discursos de ódio. O Warburg também inventou um frasco (segundo soube, ele era vidreiro também) que lhe permitia medir a produção ou o consumo de oxigênio numa reação *in vitro*, por meio de manômetro de mercúrio acoplado ao frasco e com temperatura e tempo controlados. Esse frasco ganhou seu nome: frasco de Warburg. A Verbena fez uso desses frascos em seu estudo do metabolismo da aspirina. Em nosso laboratório de Oxford existia um banho-maria que comportava vários desses frascos e seus manômetros.

Certo dia, Blaschko me procurou, pedindo para eu fotografá-lo, porque uma revista científica da Irlanda estava produzindo uma edição especial em sua homenagem e solicitava imagens dele. Fiquei muito feliz e honrado por ele ter me procurado. Ele sabia que um dos meus hobbies era a fotografia por causa de algo que também conto mais adiante, neste texto. O difícil foi conseguir flagrá-lo de olhos abertos. Na maioria das imagens ele estava de olhos fechados em reação ao flash. Dei sorte de obter uma de olhos abertos. Naquele tempo de fotografia analógica, só se via a imagem dias depois. Fiquei ansioso, mas deu certo e ele ficou satisfeito com o resultado.

Como já mencionado, Hélio Rola nos visitou em Oxford quando trabalhava em Paris num programa de pós-doutorado. Falei sobre minhas conversas com Blaschko e senti sua vontade de conhecê-lo. Blaschko foi muito receptivo e sugeriu que eu o levasse até sua residência para uma tarde de conversas. Eu acho que o Hélio gostou muito dessa tarde oxfordiana.

Enquanto desenvolvia minha tese, publiquei dois “*papers*”. Nessa missão, me foi de muita importância a minha amiga Ruth Baker, especialmente pela ajuda na redação em Inglês, mas muito também pelas nossas discussões.^{3,4} Hope não era nem um pouco paternalista e só foi ver os “*papers*” quando estavam finalizados. Aprovou tudo sem muita discussão. Ruth me sugeriu que antes de enviar o artigo para a revista, seria bom que Blaschko desse uma olhada. Assim foi feito nos dois trabalhos. Tive sua aprovação e enviei confiante.

Ruth ficou interessada no meu tema pois era algo novo para ela que já vinha trabalhando no laboratório e convivia com os doutorandos no assunto da liberação da vasopressina. Acabei introduzindo meus nucleotídios cíclicos no laboratório, na época, um tema ainda bem quente. Num dos trabalhos a coloquei como coautora.

Ouvia as pessoas falarem que a obra mais importante do Blaschko foi a grande quantidade de cientistas que ele formou. Mesmo assim, não posava de estrela. Frequentava, regularmente, os seminários quinzenais do departamento. Sua presença era muito notada porque parecia dormir durante as apresentações, mas aquele era o jeito dele se concentrar no que estava ouvindo. Na hora da discussão, era capaz de repetir *ipsi literis* frases inteiras do palestrante. Eu o observei “dormindo” nos meus dois seminários. Embora eu já tivesse observado isso nos outros, fiquei um pouco preocupado e Ruth disse que era assim mesmo.

Para coroar minha vivência com Blaschko, Hope o convidou para ser membro da banca de minha tese. As defesas de tese em Oxford não são públicas. A banca é composta de apenas dois professores. No meu caso, além do Blaschko, Hope chamou um pesquisador indiano de Bristol. Ficou uma situação muito interessante porque eram três estrangeiros, de beca acadêmica, numa sala especial, sem público, cada qual com seu sotaque, discutindo em inglês, na prestigiosa *Oxford University*. É bom observar que todos devem usar, assim como na cerimônia de matrícula, a “*gown*” ou beca e o “*mortar board*” ou prancha de pedreiro, em tradução livre, aquele gorro negro típico em formaturas, além de terno preto, camisa branca e gravata borboleta também branca. Acabada a arguição, simplesmente, os membros e o candidato apertam as mãos e se despedem. Se você foi aprovado ou não só se sabe por meio de um documento vindo da universidade que pode ser enviado após semanas da defesa. Blaschko, depois de terminada a cerimônia, passou no laboratório para me dar uma piscadela e dizer “não posso falar nada, mas pode ficar tranquilo”. Foi um alívio. Em Oxford, não é incomum haver reprovação na defesa. Conheci dois reprovados, um deles, brasileiro.

Outro fã do Blaschko era o meu colega de laboratório Richard Sheaves. Com este, desenvolvi uma grande amizade e companheirismo ao ponto dele me convidar para ser seu padrinho de casamento. Foi ele que me deu as primeiras noções sobre o tema do laboratório, isto é, os mecanismos de liberação da vasopressina e me treinou na dissecação da neurohipófise. Após defender sua tese, discutimos a possibilidade de ele vir passar um ano por aqui no nosso departamento. A Profa. Glauce Viana estava na direção do nosso programa de pós-graduação e apoiou a ideia. Assim, Richard veio para Fortaleza e trabalhou um ano por aqui. Depois ele voltou para a Inglaterra e resolveu fazer o curso de Medicina. Hoje é renomado endocrinologista em Londres.

Hans Krebs

Em 1981, no meu segundo ano de Oxford, Krebs lançou dois livros. Um deles era sua autobiografia (*Reminiscências e Reflexões*)⁸ e o segundo, uma biografia do Warburg (Otto

Warburg – Fisiologista Celular, Bioquímico e Excêntrico).⁹ Comprei os dois e os guardo como relíquias pois me serviram de desculpa para ter mais assunto para minhas conversas com o Blaschko. Percebi que Blaschko não era muito fã da personalidade do Warburg. Ele me dizia que o Krebs foi muito bondoso com seu orientador em sua biografia e que, em nenhum momento do livro, ele revelava que era extremamente explorado pelo Warburg que o obrigava a trabalhar muito duro, incluindo nos fins de semana. Sabia-se que ele, Warburg, era um solitário contumaz e que morava sozinho, exceto por um mordomo fiel que lhe acompanhou a vida toda. Também se recusava a dar aulas, pois considerava uma perda de tempo. Cavalgar era seu único divertimento. Krebs não disse muito dessas coisas em sua biografia, mas o título do livro já revela uma crítica sutil: era um excêntrico.

Um belo dia, fui tomado por uma grande emoção no laboratório. Krebs, em carne osso, apareceu para uma visitinha ao nosso orientador, Derek Hope. Depois soube pelo próprio Derek que Krebs veio conversar com ele sobre o trabalho que Verbena e outro estudante, o Ken White, estavam desenvolvendo sobre o metabolismo da aspirina. Derek apresentou o Krebs a todos do laboratório, exceto a Ruth que já o conhecia, pois havia trabalhado no laboratório dele. Era um camarada pequeno e franzino e muito simpático. Suas feições não me eram estranhas. Aí me lembrei que o encontrava frequentemente na fila do Midland Bank. Apertei-lhe a mão emocionado e trocamos algumas palavras tipo muito prazer em lhe conhecer pessoalmente, sou brasileiro, trabalho com o Dr. Derek Hope, estou estudando as relações entre os nucleotídeos cíclicos e a liberação da vasopressina pela neurohipófise, acho que mencionei minhas conversas com Blaschko, etc, tendo como resposta *“Oh! how nice, very good. I was informed you are getting good results, etc”*. Confesso que fiquei com muita pena de lavar minhas mãos na hora do almoço após apertar a mão daquele monumento da ciência. Essa visita rápida se repetiu mais uma ou duas vezes. Dentro da cultura informal entre cientistas, Derek, meu orientador, seria meu pai científico e ele próprio era como um dos filhos científicos do Blaschko e aí, forçando a barra, passei a considerar Blaschko meu avô científico e Krebs o meu tio-avô. *Chic, não?*

Um dia, Blaschko apareceu no laboratório, meio ofegante, caminhando diretamente para minha bancada. Chegou e me disse que seu amigo Hans havia morrido. Fiquei muito emocionado e logo imaginei que haveria algum tipo de reação de todos. Saí de meu lugar e abordei vários colegas para dar a notícia. Fiquei confuso ao perceber que aquilo não causou reações especiais. A maioria só reagia com um “que pena” e se voltavam para o que estavam fazendo. Na minha cabeça, o fato deveria abalar a universidade. Não cheguei a imaginar decreto de feriado, mas algo perto disso. Nada aconteceu. Fui ao centro para comprar o jornal para ver as manchetes da morte do grande cientista. Nada encontrei, além de uma nota, quase de rodapé, mencionando o fato. Fiquei abismado, mesmo sabendo que muitos grandes agraciados do Prêmio Nobel andavam na cidade em suas bikes como pessoas absolutamente comuns. Só na quadra do nosso departamento, naquele tempo, contavam-se uns dez deles. Aproveito para lembrar que, até hoje, o Brasil não possui nenhum agraciado com Nobel.

William Paton

No departamento, havia um outro F.R.S. (1956). Era justamente o chefe do departamento, o Professor Sir William Paton.¹⁰ No ano que cheguei em Oxford, 1979, Paton recebeu o peso da espada da Rainha Elizabeth sobre seu ombro, isto é, foi nomeado Cavaleiro da Rainha, daí o Sir em seu nome.

Professor Paton foi a mente criativa por trás do primeiro tratamento para pressão alta, da viabilização da respiração artificial em UTIs e nos trabalhos de exploração de gás e óleo nas profundezas do Mar do Norte.

Uma das mais importantes contribuições de Paton foi relacionada a ações da acetilcolina na contração muscular e no aumento da pressão arterial que foram por ele discriminadas, de forma pioneira, por meio do uso de duas drogas antagonistas, o decametônio, o primeiro bloqueador neuromuscular que permite o uso da ventilação artificial e o hexametônio, a primeira droga para baixar a pressão arterial.

Figura 2. William Paton e Hugh Blaschko.



Na época em que eu estava por lá, o laboratório do Paton estava envolvido com os problemas dos mergulhadores que trabalhavam na exploração de petróleo no Mar do Norte. Muitos morriam por convulsões após voltarem à superfície por problemas de pressão (Síndrome Neurológica da Pressão Alta). Na mesma época, ele estudava o fenômeno no qual a pressão alta revertia os efeitos dos anestésicos gasosos. Ele se perguntou sobre o inverso, isto é, se os anestésicos reverteriam os efeitos biológicos da pressão alta. Propôs então o uso de um terceiro gás, o nitrogênio, na mistura de gases dos mergulhadores. Embora o nitrogênio não seja anestésico em pressão normal, ele se torna anestésico nas pressões altas necessárias nos mergulhos mais profundos. Hoje a mistura de oxigênio, hélio e nitrogênio, é mundialmente usada pelos mergulhadores para trabalhar em grandes profundidades.

Logo que cheguei em Oxford e me apresentei ao Professor Paton, percebi sua postura altiva, mas ao mesmo tempo doce. Era muito atencioso quando falava com as pessoas. Comigo

também. Sempre que nos encontrávamos pelos corredores, Paton me perguntava se meu trabalho estava andando bem no laboratório do Hope. Em seguida, mencionava a Venezuela para me ser agradável e eu esclarecia que eu era brasileiro. Depois de algum tempo, ele decorou esse dado. Mas, realmente, também existia um doutorando venezuelano no departamento. Nunca perguntei a ele se Paton o confundia com brasileiro.

Um dia, eu soube que uns instrumentos de grande porte que ficavam no corredor que dava para a sala do café eram as partes de um microscópio eletrônico. Curioso, decidi entrar na sala do Paton para perguntar sobre aquela máquina. Ele me falou que era mesmo um microscópio eletrônico e que estava funcionando perfeitamente, mas havia comprado um novo e mais moderno. Entretanto, não queria enviar como lixo para os depósitos da Universidade. Depois, adicionou que os bombeiros estavam lhe pressionando por causa da questão da segurança, pois ficando no corredor poderia atrapalhar a circulação num eventual incêndio. Tomei coragem e perguntei se havia alguma chance de ele ser doado para uma universidade mais carente como, por exemplo, a minha no Brasil. Ele nem titubeou e disse que sim, mas não em forma de doação, tinha de ser por empréstimo, sem data de retorno. Compreendi seu jeito britânico de driblar a burocracia e dar um destino útil ao aparelho. Complementou dizendo que não tinha verba para enviar ao Brasil. Isso ficaria por nossa conta. Telefonei para o chefe do nosso departamento, na época, o Prof. Manassés Fonteles falando sobre essa proposta. Imediatamente ele disse que tinha muito interesse e ia fazer de tudo para arranjar isso com o CNPq. Para encurtar a história, deu certo e o microscópio veio para o nosso departamento.

Ainda no final de 1979, contei a ele que Verbena, minha mulher, gostaria de fazer o Doutorado na área de Toxicologia pois ela tinha acabado de passar no concurso para essa disciplina no Departamento de Farmácia CCS-UFC. Contei-lhe que estávamos com dificuldade de achar um laboratório na área. Mais uma vez, ele não titubeou e disse que ela poderia trabalhar com o Derek Hope. Na verdade, já tínhamos abordado o Hope sobre esse assunto. Ele não demonstrou interesse, mas diante da postura firme do Paton acabou aceitando.

Por causa desse processo de concurso, ela só pôde vir para a Inglaterra em janeiro de 1980, quando já havia se iniciado o ano letivo. Já tínhamos até ido à vizinha Universidade de Reading, mas lá a coisa ia muito para o lado da Bromatologia. Assim, Verbena só iniciou oficialmente seu Doutorado em outubro de 1980.

Os anos que passamos em Oxford foram os últimos da carreira de Paton, pois estava se preparando para a aposentadoria. No departamento, as pessoas comentavam isso com pesar. Bill Paton, seu nome para os mais íntimos, era muito querido de todos. Constatei isso na prática por causa de uma exposição de fotografias que fiz num grande quadro que pus na nossa sala de café. As fotografias eram das pessoas do departamento na nossa festa de Natal. Simplesmente, eu fui fotografando cada um, individualmente ou em grupos. Após reveladas e copiadas,

numerei as imagens e esperei a reação dos fotografados. Pouco a pouco, foram aparecendo no laboratório, muito britanicamente, isto é, timidamente, para perguntar a razão daqueles números nas fotografias. Eu respondia que eram para identificá-las pois, no caso de alguém se interessar por elas, eu poderia mandar copiá-las na loja de fotografias. Estávamos ainda no tempo da fotografia analógica. Imediatamente, eles tiravam do colete um papel com os números das fotos que lhes interessavam. Todos pediram a foto do Professor Paton, além de outras de seu interesse.

Outra curiosidade, que investiguei foi perguntar sobre o processo de sucessão do Paton. Ninguém sabia como era o processo. Não sabiam nem se ocorria no âmbito da Universidade ou em Londres. Quer dizer, eles iam receber um novo Chefe e não sabiam nem quem o nomeava. Alguns especulavam que poderia ser o simpático Professor Smith, o chefe do laboratório de frente ao nosso, o que realmente veio a acontecer. Entretanto, poderia vir alguém de fora do departamento. Mesmo nos *Colleges*, os dirigentes máximos poderiam vir de outras universidades inglesas ou até do exterior e, normalmente, chegava alguém com grande mérito acadêmico. Todos tinham certeza disso e, por essa razão, nem se preocupavam. Adicionalmente, informo que para esses cargos não há mandatos. O chefe fica até se aposentar o que não é estranho num país que ainda vive numa monarquia.

Em 1983, quando voltei ao Brasil, Paton ainda comandava o departamento, mas aposentou-se no ano seguinte. Faleceu em 1993, no mesmo ano do falecimento do meu amigo Blaschko.

Outros fatos interessantes

Além do Professor Smith que veio a suceder o Paton na chefia do Departamento, existia um outro Smith, o Mr. Smith. Este era o administrador. Todas as necessidades administrativas do departamento era ele que resolvia, incluindo compras e prestação de contas das verbas dos projetos em andamento. Na prática, ele também era uma espécie de chefe geral, e o Paton se envolvia somente nas questões acadêmicas. Assim, se precisasse de uma droga ou comprar algum outro tipo de material, a gente falava com ele. No outro dia, o material era encontrado sobre nossas escrivaninhas.

O departamento não tinha biotério. Todos os animais eram encomendados ao Mr. Smith que tinha linha direta com os grandes biotérios fora da universidade. Era uma facilidade muito interessante e ele cumpria com toda a eficiência. Os animais chegavam com a idade e características solicitadas, em caixas tipo gaiolas especializadas para viagem.

Um dia, eu estava no laboratório e Mr. Smith me abordou meio nervoso, dizendo que tinha sabido que eu teria ido ao matadouro da cidade para adquirir cérebros bovinos. Confirmei que era verdade, já meio preocupado, me perguntando o que tinha isso de errado. Ele esclareceu que quando eu fizesse isso eu teria que lhe comunicar porque ele tinha de me pagar a gasolina que eu teria gasto para a pequena viagem. Voltou à

sua sala e depois me trouxe um cheque que corresponderia ao meu gasto. Assim, toda vez que eu ia ao matadouro que ficava numa cidade vizinha a Oxford, eu o comunicava e o cheque chegava prontamente, na minha mesa.

Essa estrutura administrativa é muito eficiente. O pesquisador não tem que se preocupar com burocracias, limpeza, funcionários e outras atividades que não fossem diretamente ligadas à sua pesquisa, incluindo gastos do projeto e prestação de contas. Mr. Smith tinha em mãos todos os projetos de pesquisa do departamento e sabia o que podia ou não podia comprar para cada laboratório.

Outra coisa que me chamou a atenção era o fato de não existirem portas fechadas. Todos os laboratórios, escritórios, secretaria, salas de aparelhos, etc eram totalmente abertas e acessíveis a qualquer um que necessitasse usá-los. Uma das coisas que recebi logo no primeiro dia que me apresentei como novo pós-graduando, foi a chave da porta externa do Departamento.

Em 1982, vi um PC pela primeira vez. Chegou um para o departamento e foi colocado em sala especial para uso comum. Tela verde e caracteres brancos. Chegou também uma impressora matricial que foi colocada na sala de leitura da biblioteca. Era tão barulhenta que foi envolvida por uma manta de papelão para diminuir seu som irritante. E, por falar em computador, naquela época o comércio lançou um pequeno computador popular com linguagem BASIC incorporada. Aquela pequena máquina mágica me encantou profundamente. Custava 100 Libras e tinha a incrível memória de 1Kb. Sua tela era qualquer televisão e os programas eram gravados em fita cassete. No meu entusiasmo, comecei a comprar livros para aprender aquela linguagem. Esse aprendizado me foi muito útil pois usei o PC para escrever um programa que me proporcionava uma grande economia de tempo posto que me entregava as concentrações de cálcio a serem utilizadas para obter as concentrações finais de cálcio livre nos meus ensaios da fosfodiesterase e da ciclase. De volta a Fortaleza, comprei um TK2000 que tinha uma memória de 64Kb.

Os avanços da informática, como se sabe, são muito rápidos tanto que minha tese foi datilografada em máquina de escrever elétrica com gráficos elaborados manualmente com letraset, aquelas letrinhas e símbolos com adesivo que vinham em folhas. No ano seguinte, a tese da Verbena foi digitada em PC e os gráficos foram plotados por máquinas especiais.

No nosso laboratório, cada pós-graduando tinha seu dia na semana de lavar a vidraria suja, apesar de termos duas técnicas.

A comunidade brasileira da minha época em Oxford, foi se formando e era composta de alguns cearenses da UFC do Departamento de Física (Antônio Carlos Campelo, Hélade Campelo e Miguel Araújo), Departamento de Cirurgia (Sérgio Juaçaba) e Departamento de Farmácia (Verbena Lima Vale), além de outros nordestinos do Rio Grande do Norte, Alagoas e Pernambuco, ao ponto até de termos um time de futebol. Agregamos uruguaios, mexicanos e asilados

políticos chilenos do regime de Pinochet. A língua nesses momentos era um “portunhol” cheio de termos e verbos em inglês. A nós se juntaram alguns ingleses como Richard Sheaves, já mencionado e Alan Jones, um torneiro mecânico da Bioquímica, recém falecido. Esse último, um grande fã do futebol brasileiro e muito especial para mim, pois foi uma herança do Flávio Torres quando fazia seu doutoramento em Oxford. Com sua grande generosidade, ofereceu-se para fabricar os caixões para transportarmos, via naval, nossos pertences acumulados nos quatro anos e meio em que vivemos na ilha. Sempre que podia, Alan visitava o Brasil para rever amigos do Ceará e Rio de Janeiro, dentre outros estados. Na minha despedida de Oxford, ele me deu um presente simbólico e especial, a chave de sua casa. Fez o mesmo com Flávio.

A comunidade se reunia frequentemente nas festas de aniversário das nossas crianças, nos “pubs” e até em acampamentos pela Inglaterra. Em 1983, tivemos a oportunidade de ir a Cardiff, a capital do País de Gales, para assistir a um jogo amistoso da Seleção Brasileira de Futebol contra a seleção galesa. Ganhamos de 1x0.

Enquanto morávamos em Oxford recebemos a boa notícia da volta dos exilados da ditadura militar, mas também as tristes como a morte de ídolos como Vinícius de Moraes, Elis Regina, Adoniram Barbosa e Glauber Rocha. Além disso, vivemos o luto do mundo e, especialmente, dos ingleses pelo assassinato do Beatle John Lennon.

Testemunhamos também o afloramento do sentimento patriota inglês durante a guerra das Malvinas que os ingleses chamam de Falklands e o amor do povo à Coroa, durante o período das comemorações do casamento real de Diane e Charles. Um dia, anunciaram que a rainha viria a Oxford e entraria justamente no edifício vizinho ao nosso departamento cuja porta principal distava uns 20 metros em linha reta da janela da minha bancada no primeiro andar. Os ingleses faziam pouco caso daquela visita querendo demonstrar pouca empatia com a Coroa mostrando um sorriso de descaso. Imaginei que ninguém iria se aglomerar para ver a monarca. No dia marcado, mantive-me na minha bancada trabalhando. De repente, me dei conta de um silêncio no ambiente do laboratório. Resolvi examinar o fenômeno e não encontrei ninguém, nem nos corredores. Eu estava só. Estavam todos aglomerados na calçada do prédio vizinho à esperada Rainha.

Vivemos muitos momentos felizes e marcantes durante nossa permanência na Inglaterra onde cheguei com negra cabeleira e saí com muitos fios brancos. Considerando ser eu de uma espécie equatorial, não fosse o permanente frio que um dia chegou a 23°C negativos, eu diria que nossa temporada por lá tinha sido perfeita. Uma experiência que permanece em minha já desgastada memória e que neste texto tentei resgatar alguns fragmentos.

REFERÊNCIAS

1. Asimov I. *Asimov's Biographical Encyclopedia of Science and Technology: The Lives and Achievements of 1510 Great Scientists from Ancient Times to the Present Chronologically Arranged*. London and Sydney, Pan Books, 1975.
2. Born GVR, Banks R. Hugh Blashko. *Biographical Memoirs of Fellows of the Royal Society* 1996;42:41-60. DOI: 10.1098/rsbm.1996.0004
3. Krebs, H. (1981). In collaboration with Roswitha Schmid. *Otto Warburg: cell physiologist, biochemist, and eccentric*. Clarendon Press, Oxford.
4. Medawar J, Pyke, D. *O presente de Hitler: Cientistas que escaparam da Alemanha nazista*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.
5. Rang HP, Perry W. Sir William Drummond Macdonald Paton, C. B. E. 5 May 1917-17 October 1993. *Biographical Memoirs of Fellows of the Royal Society*, 42, 291–314. <http://www.jstor.org/stable/770211>.
6. Krebs, H. (1981) In collaboration with Anne Martin. *Reminiscences and reflections*. Clarendon Press Oxford 1981. ISBN 0-19-854702-1
7. Vale MR, Baker RV, Hope DB. Phosphodiesterase activities for cyclic nucleotides in nerve endings from the bovine posterior pituitary gland. *Journal of Neurochemistry* 1984;42:377-83. DOI: 10.1111/j.1471-4159.1984.tb02688.x
8. Vale MR, Gomes SL, Maia JCC. Independent cAMP and cGMP phosphodiesterases in *Blastocladia emersonii*. *FEBS Letters* 1975;56:332-6. DOI: 10.1016/0014-5793(75)81121-5.
9. Vale MR, Hope DB. Cyclic nucleotides and the release of vasopressin from the rat posterior pituitary gland. *Journal of Neurochemistry* 1982;39(2):569-73. DOI: 10.1111/j.1471-4159.1982.tb03983.x
10. Vale MR, Maia JCC. Changes in cGMP phosphodiesterase levels during growth and differentiation in *Blastocladia Emersonii*. *FEBS Letters* 1976;70:205-8. DOI: 10.1016/0014-5793(76)80758-2.

Como citar:

Vale MR. Histórias Oxfordianas: relato de um então jovem docente da Faculdade de Medicina da UFC sobre sua pós-graduação no exterior. *Rev Med UFC*. 2024;64(1):e92729.